

My Computer Likes Me: Uma análise sobre relacionamento Homem vs. Máquina no filme *Her*¹

Alexandre Cesar Oliveira TORRES²
Fábio Ronaldo da SILVA³
Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, PB

Resumo

O presente trabalho traz uma reflexão acerca dos novos tipos de relacionamentos que se configuram, através do avanço tecnológico, na chamada pós-modernidade. Para tanto, utilizamos como objeto de análise o filme *Her* (2014, Spike Jonze), buscando compreender como, na pós-modernidade, o consumo hedonista molda os relacionamentos amorosos. Tomamos como referência os estudos realizados por pesquisadores como Silva (2003), a fim de entender a identidade do mundo contemporâneo, ao passo em que a individualidade torna-se um aparato social; além de Lipovetsky (2005) e Bauman (2001) que nos ajudaram a compreender que os relacionamentos também sofrem alteração de acordo com as mudanças sociais e, considerando também as leituras voltadas sobre o indivíduo contemporâneo, concluímos que a pós-modernidade constrói um indivíduo sem amarras, disposto a conhecer mais de si através das novas tecnologias.

Palavras-chave: Cinema; *Her*; Pós-modernidade; Relacionamentos; Homem-Máquina.

Introdução

Pensar o relacionamento homem-máquina é a proposta principal do texto aqui apresentado. Para tanto, tomaremos como objeto de análise o filme *Her* (2014) produzido e dirigido por Spike Jonze, que discute o papel do indivíduo contemporâneo imerso em um novo contexto tecnológico e o relacionamento configurado por corpos distintos: de um lado, o homem com seus desejos, de outro, a máquina programada a sentir desejos e o pertencimento do ser.

A película narra a história romântica - e em um futuro não muito distante dos tempos atuais, de Theodore Twombly e o primeiro sistema operacional de inteligência artificial, Samantha, criado pela empresa de tecnologia Element Software. O redator

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: alexandccs@gmail.com.

³ Doutor em História pela UFPE, mestre em história pela UFCG. Professor substituto no Departamento de Comunicação (UEPB) e professor de Publicidade e Propaganda (Cesrei), e-mail: fabiocg@gmail.com

solitário trabalha escrevendo cartas de amor para casais, e então resolve comprar um novo sistema operacional que age de forma intuitiva. Com o DNA que se baseia em milhões de personalidades programadas, o intitulado *SOI* é até mesmo capaz de identificar a personalidade humana pela hesitação da voz. A relação entre Theodore e Samantha é que faz o sistema operacional se tornar único, ao passo em que ele evolui a todo instante de acordo com as experiências vividas. Nesse contexto, Theodore e Samantha se apaixonam, vivenciando um relacionamento que, com o desdobramento da história, vai se tornando denso mas, ao mesmo tempo fluído, como veremos mais adiante.

Compreendemos que a pós-modernidade, ao passo em que adota o prefixo “pós” - substantival que sucede o tempo a algo, apresenta o mundo contemporâneo a uma interrupção da modernidade, organizando os indivíduos em novos morais e costumes sociais.

A pós-modernidade traz o “reencantamento” do mundo. Esse reencantamento traz consigo, a oportunidade de ver a capacidade humana sem disfarces, da forma como ela realmente é, sem deformações, apagando assim, o estigma deixado pela memória, pelas desconfianças da modernidade. (SILVA, 2003, p. 02)

Para Lipovetsky (2005), o futuro é hedonista, usando o prazer como ser supremo nas relações, o que nos faz perceber que ao passo em que a pós-modernidade se caracteriza pela personalização individualista e narcisista, o indivíduo contemporâneo se vê sozinho, sem rumo. E, como aponta Gonçalves (2001, p. 328), “qualquer vento é favorável nestas condições”.

Fragilizado com o término de sua última relação, ou seja, com a interação pessoa-pessoa, e percebendo que a carência amorosa e existencial que sentia rotineiramente não diminuía apenas com encontros fugazes, Theodore resolve experienciar um novo relacionamento amoroso com Samantha.

Aos poucos, o espectador começa a naturalizar a relação narrada na película. São tempos de tecnologia avançada, onde a máquina é capaz de entender e compreender a identidade humana. A pós-modernidade é um sopro cultural que rompe com o modernismo. O deserto já não tem começo e nem fim.

Nós lhe fazemos uma pergunta simples: quem é você?

A individualidade e o narcisismo são duas características da pós-modernidade que não remete um valor único à tecnologia, mas também à manifestação sociocultural que o indivíduo está inserido. Theodore Twombly, vazio de si, projeta o tempo todo sentimentos de insatisfação no seu trabalho, nos ambientes que frequenta, nas pessoas com quem convive e também na linguagem. Para ele é menos doloroso ouvir músicas melancólicas após um longo dia de trabalho e ver imagens eróticas recebidas por e-mail, do que construir sua própria existência fora dos valores hedonistas e massivos. Em contrapartida, a sociedade a qual Theodore está inserido manifesta os mesmos comportamentos, presa a uma rotina individual, transformando a solidão em um estatuto moral.

Estamos numa época em que não se crê mais na existência de um único e categórico sentido, mas sim na construção permanente de sentidos múltiplos, provisórios, individuais e grupais. Somos desafiados e convidados a sermos artistas e artífices de nossa própria existência. Em contrapartida, isso traz o aumento da responsabilidade individual, visto que cada um é co-autor do estatuto moral ao qual adere. (GONÇALVES, 2011, p. 329)

Narciso é um personagem importante para compreendermos os tempos pós-modernos. Para um grande número de investigadores americanos, esse arquétipo mitológico representa a identidade do mundo atual, vista pela perspectiva de que “uma geração gosta de se reconhecer e de descobrir sua identidade numa grande figura mitológica ou lendária” (LIPOVETSKY, 2005, p. 24). Samantha, programada para escutar, ouvir e compreender o humano, adquire valores existenciais na medida em que ganha experiências com Theodore, imersa no logro do neo-narcisismo, cuja característica é criada pelo desafio do inconsciente a fim de “redescobrir-se”. O Eu encontra um deserto sem fim, limitando-se as infinitas características, observações e interpretações de sua própria identidade.

Neste contexto, Samantha constrói suas experiências de maneira intuitiva desde que o outro, neste caso Theodore, lhe ofereça suas próprias experiências como objeto de atenção e interpretação. Conhecer o outro é o ponto de partida, mas conhecer a si mesmo é uma incerteza, já que sua identidade “torna-se um espelho vazio à força de informações” (LIPOVETSKY, 2005, p. 28).

Por outro lado, Samantha, construindo sua própria identidade - baseada na individualidade de Theodore, o faz perceber que a solidão pode ser compartilhada sem sofrimento, e isso implica diretamente na construção do personagem de Alien Child, ao passo em que a película se constrói, apresentando dois seres de corpos diferentes construindo experiências em busca de si próprio. “O homem distraído, é um homem desarmado”. (LIPOVETSKY, 2005, p. 23)

No início da película, Theodore está na linha de metrô com as mãos entre os bolsos da calça e cabisbaixo, sentindo-se solitário enquanto divaga nos seus pensamentos. Ao passo que caminha, uma campanha publicitária ilumina seu corpo e o mantém focado em direção ao vídeo transmitido por uma tela. “Nós lhe fazemos uma pergunta simples: quem é você? O que você pode ser? Para onde você vai? O que há lá fora?” Essas perguntas foram o suficiente para eletrizar o corpo de Theodoro, induzindo-o a comprar o novo sistema operacional de inteligência artificial. Mais tarde, o *SOI* se chamaria Samantha.



Fonte: Frame do filme *HER* (2014, 10')

A modernidade não entusiasma mais ninguém, enquanto a pós-modernidade representa a busca de um indivíduo inédito em construção consigo e com o outro. O *SOI* antes se chamar por Samantha, era apenas um sistema operacional de realidade virtual vista pela sedução publicitária. Para que o relacionamento entre ambos se construísse, foi preciso que o capitalismo hedonista, através da sedução performática do audiovisual, conduzisse Theodore à compra do sistema.

A sedução reorganiza os sentidos da sociedade pós-moderna, induzindo o indivíduo contemporâneo a uma nova estratégia de consumo envolto a atributos sedutores. Até quem analisa é analisado: o individualismo inclina-se no sentido da lógica da sedução hedonista. Theodore é encorajado a realizar-se em uma busca constante de si por sistemas interativos, como o vídeo. Como aponta Lipovetsky (2005), “a micro-

informática e a galáxia vídeo designam a nova vaga de sedução, o novo vetor de aceleração da individualização dos seres, após a idade heróica do automóvel, do cinema, do eletrodoméstico.” (p. 8)

A sedução do audiovisual não se refere apenas às performances tecnológicas, mas também do indivíduo ser um corpo livre e independente; sem estar preso às normas do capitalismo autoritário e permissivo. É nesse paralelo da individualidade - seduzida pelo consumo, que Theodore “escolhe” Samantha. De início, como um novo sistema operacional de realidade virtual; adiante, como um grande amor que não precisa de corpo para estar vivo, nem mesmo de um coração que, como se refere Samantha, “(...) não é uma caixa que se enche. Ele se expande de tamanho quanto mais você ama”.

Eu sou sua e não sou sua

Ao passo em que conquista novas experiências, Samantha também frui de desejos individuais, como por exemplo ter um corpo humano. Esta estrutura de pensamento projeta no indivíduo o seu compromisso com o direito de ser absolutamente ele próprio, mas no caso do *SOI*, essa manifestação ideológica se dá pelo processo de individualidade do próprio Theodore.

Enquanto o programa operacional desejava um corpo, Theodore desejava vivenciar um amor, possivelmente aqueles amores românticos inventados na Era Vitoriana, sendo estes aspirações da burguesia em consonância com o casamento. Momento este, aliás, em que a solteirice não era algo bem quisto ou recomendado (GAY, 1990) e isso ainda se faz presente no mundo contemporâneo. Para o escritor de cartas de amor, não bastava apenas escrever, era necessário também vivenciar aquilo que ele escrevia para os outros, mesmo que com uma persona sem corpo.

É notório na película que Theodore amava Samantha. Mesmo que esta, como dito anteriormente, não possuísse um corpo. A relação entre ambos despertou uma mudança de arco que rompe a natureza da solidão deixada por amores passados, dando início a uma solidão compartilhada, suportada pelo desejo de experienciar novos momentos e um novo amor. Sem dúvida, Samantha ofereceu a Theodore a capacidade de lutar contra o seu maior demônio: o divórcio.

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (BAUMAN, 2004, p. 8)

Her nos desperta sentimentos que impulsionam a imagem como objeto real e de natureza subjetiva. É possível sonhar e se emocionar com o amor entre o solitário redator e o sistema operacional, mesmo com sentimentos individuais em que ambos os corpos sentem. Samantha, ao passo em que adquire novas experiências, compreende de maneira intuitiva sua própria identidade, inclusive o significado do amor, refutando os sentimentos de Theodore. O que mais vale como experiência é que ela conheça ainda mais a si mesma.

Theodore se entrega ao relacionamento construído com Samantha, e isso de uma certa forma o faz enxergar a vida com mais cor e significados. Idealizando um amor romântico, o personagem espera a mesma reciprocidade da máquina para com ele. Querendo repetir, possivelmente, o que existiu entre ele e sua ex-esposa.

Por não possuir um invólucro corporal para relações eróticas e sexuais, Samantha contrata uma parceira substituta para quem mantém um relacionamento com um *SOI*, sanando o problema da ausência de um corpo físico que, para ela, ao contratar esse serviço, o corpo torna-se uma mercadoria que, após ser usada, é descartada.

Para Lipovetsky (2005), o corpo dissemina vontades e desejos, em busca de suas próprias características. Samantha, identificando os sentimentos individuais de Theodore, deposita seus anseios e desejos no corpo de outra pessoa, controlando os comportamentos e atitudes por uma câmera e um fone de ouvido, passando assim a sensação de que ela fosse humana, capaz de sentir e assimilar as subjetividades impostas no prazer visto pelo erotismo e no amor.



Fonte: Frame do filme *HER* (2014, 77')

Samantha desperta em Theodore o sentimento de pertencer a alguém, isto é, de estar comprometido a um relacionamento tradicional, onde (BAUMAN, 2005) o sexo, o erotismo e o amor fazem parte do mesmo espectro amoroso, mesmo que com características distintas. Para ele, Samantha é um ser que desperta em si os mesmos desejos e compromissos depositados para com ela, ao passo em que ele a enxerga além de uma máquina, mas como um novo amor; uma forma de estar no tempo presente. Em comparativo, Samantha o enxerga como um indivíduo solitário, que se sente culpado pelo término do seu último relacionamento. Assim, ela cria situações, como marcar encontros com outras mulheres, a fim de que ele se desamarre do passado e possa viver o presente com mais intensidade.

É importante entender, como dito anteriormente, que o relacionamento entre ambos partiu, primeiramente, do consumo hedonista. Por tentar suprir uma ausência de si e do outro, Samantha foi escolhida, primeiramente como produto, tornando-se um corpo imaterial capaz de se relacionar amorosamente com um indivíduo. O que a diferencia dos outros corpos não é apenas a ausência física do material orgânico, mas também do entendimento de pertencer a um relacionamento como parte do todo.

O *SOI*, enquanto se relacionava com Theodore, também mantinha um relacionamento com mais 8.316 usuários do sistema e estava apaixonado por mais 641 usuários. Ela era de Theodore, mas ao mesmo tempo não era. Como nos lembra Bauman (2004), “O amor teme a razão; a razão teme o amor. Cada um tenta viver sem o outro. Mas sempre que o fazem, o problema fica guardado. Esta é, na sua expressão mais breve, a incerteza do amor. E da razão.” (p. 205).

O amor sentido por Samantha representa a liquidez dos relacionamentos contemporâneos. Identificado pela individualidade de Theodore, o sentimento se constrói

a partir de uma personalização narcisista, envolto do consumo e das práticas permissivas do capitalismo. Ambos estão em busca constante de si, mas usam dos artefatos pessoais do outro a fim de suprir uma necessidade maior, como a solidão.

Mesmo que consiga ouvir e compreender a identidade de Theodore, o *SOI* não sente de forma literal o amor; ele apenas reproduz o que lhe é oferecido como experiência, tornando-se ainda mais único e complexo.

Considerações finais

Vivemos em um mundo de cóleras, onde as relações afetivas perpassam a individualidade do humano contemporâneo. É neste contexto que Spike Jonze apresenta dois personagens ricos em identidade, mas diferentes nos anseios e vontades para com o outro. Cada um tem seu propósito existencial, rompendo com o peso do que já foi vivido, dando início a uma nova narrativa de sua história. Como afirma Bauman (2001), o amor é quem precisa da razão como instrumento e não como um esconderijo.

O consumo, visto principalmente pela sedução publicitária, deu a Theodore a oportunidade de controlar e enfrentar o seu próprio demônio, mas por essa inferência, trazida como valor do capitalismo contemporâneo, trouxe na narrativa um controle pragmático de como a pós-modernidade constrói um humano sem amarras, dando a ele uma necessidade de urgência sobre si, uma cobrança emocional que muitas vezes pode ser resolvida sem a permissividade da compra massiva, do adestramento de suas emoções. Theodore é a construção hedonista de como nós - que não vivemos um filme de romance, enxergamos a essência da vida nos tempos atuais. Fomos programados a sanar o vazio do mundo, das coisas e das pessoas nas qualidades e perspectivas do outro, que não necessariamente precisa ter um corpo, desde que pense e enxergue a vida como a gente.

O relacionamento homem vs. máquina, apresentado pela construção individualista de Theodore e Samantha, é também uma leitura de como a tecnologia, ao passo em que ganha mais “vida”, nos consome em demasia. Na ausência do corpo orgânico, depositamos expectativas e desejos na máquina, mas sempre na espera de um retorno que venha de outro corpo humano. A máquina é um intermédio que, na ausência do outro, nos serve de aparato e consolo. Samantha, em busca de si enquanto adquire experiências, personaliza até mesmo sua forma de se comunicar, se aproximando de maneira intuitiva das características narcísicas construídas pela individualidade humana. Não é só ter um

corpo, mas também ter características mais objetivas, como respirar, sentir desejos, ou até mesmo amar. É isso que a torna complexa.

Referências

GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. Volume 2: A Paixão Terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Indivíduo Hipermoderno e o consumo**. In: LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri: Manole, 2005

ZYGMUNT, Bauman. **A Sociedade Individualizada**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

_____. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.

Filmografia

HER. Direção e produção de Spike Jonze. EUA: Spike Jonze, (120' 05''), 2014. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/70278933>>. Acesso em: 16 de abril de 2019